



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA
AFRO-BRASILEIRA (UNILAB)
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO (PROGRAD)
INSTITUTO DE HUMANIDADES (IH)
BACHARELADO EM HUMANIDADES (BHU)**

Leticia Monteiro Djonu

DIVERSIDADE CULTURAL: ensino e convívio na Unilab

REDENÇÃO - CE

2018

DIVERSIDADE CULTURAL: ensino e convívio na Unilab

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao curso de Bacharelado em Humanidades (BHU), vinculado ao Instituto de Humanidades e Letras (IH), da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), como requisito final para a obtenção do título de Bacharel em Humanidades.

Orientadora: Prof.^a. Dr.^a. Carla Susana Alem Abrantes

BANCA EXAMINADORA:

Prof.^a Dr.^a Carla Susana Alem Abrantes (Orientadora)

Instituto de Humanidades: UNILAB

Prof.^a Dr.^a Caroline Farias Leal Mendonça (Banca Examinadora)

Instituto de Humanidades: UNILAB

Prof.^o Dr.^o Segone Ndagalila Cossa (Banca Examinadora)

Instituto de Humanidades: UNILAB

RESUMO

O presente projeto de pesquisa busca focar na ideia da diversidade cultural encontrada na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira a partir de uma perspectiva interdisciplinar que perceba esse espaço de ensino como um lugar de encontro e convívio de vários grupos culturais. Trazemos algumas discussões que permitem uma compreensão do que se entende por diversidade cultural, tais como o “multiculturalismo”, a “interculturalidade” e outros conceitos. A ideia é discutir esse assunto apoiando-nos em vários pesquisadores que contribuíram com seus trabalhos para essa temática. Importa salientar que este projeto está centralizado em nossa universidade, a Unilab, embora também busque realçar uma parte da escola Betel em Guiné-Bissau como elemento que permitiu a comparação e um ponto de partida para a reflexão sobre o “diálogo multicultural” e “intercultural” no processo de ensino e aprendizagem. Um levantamento de fontes bibliográficas sobre o tema da diversidade cultural foi realizado para posterior aprofundamento do nosso debate. Espera-se que a pesquisa seja desenvolvida utilizando as seguintes ferramentas metodológicas: pesquisa bibliográfica, documental e entrevistas.

Palavras-Chave: Diversidade Cultural, Ensino, Cooperação Sul-Sul

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	_____
CONTEXTUALIZAÇÃO DA GUINÉ-BISSAU A PARTIR DA ESCOLA BETEL E DO BRASIL A PARTIR DA UNILAB	_____
PROBLEMATIZAÇÃO	_____
OBJECTIVOS	_____
JUSTIFICATIVA	_____
REFERENCIAL TEÓRICO	_____
METODOLOGIA	_____
LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICO E OUTRAS FONTES	_____
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	_____

INTRODUÇÃO

Como sabemos, a universidade é um espaço sociocultural onde é possível o encontro da diversidade cultural. Assim, trata-se de um espaço marcado por símbolos, crenças, valores e uma diversidade de culturas. Portanto, a temática sobre a diversidade cultural na Unilab é de grande relevância para que se fortaleça um espaço onde todos os alunos se sintam à vontade para respeitar e valorizar a diversidade cultural bem como colaborar na construção de um ensino que respeita a pluralidade cultural, a religião, a etnia e a cor da pele. Reporto-me à Constituição da República Federativa do Brasil no seu artigo 3º (IV) que faz referência à existência da convivência, paz e justiça social na sociedade brasileira. Nesse artigo, afirma-se que o estado Brasileiro deve “Promover o bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação” (Constituição, 2016, p.11). Nesse sentido, entendemos que esse espírito de paz e justiça social deve reinar no seio dos estudantes e dos demais que compõem a nossa universidade.

Entendemos que é de suma importância nesta introdução abordar um pouco daquilo que vai constituir o debate neste projeto de pesquisa, qual seja, a diversidade cultural. O “multicultural” e a “interculturalidade” serão conceitos que serão abordados ao longo deste projeto, já que espera-se apresentar uma discussão acadêmica¹. Na ideia de Tatiane Andrade Serfert:

O tema da diversidade cultural, no âmbito da UNESCO, visa garantir a autonomia cultural dos Estados Soberanos e é o principal mecanismo para manter a distinção das culturas nacionais diante do que é concebido como tendência à homogeneização cultural da globalização. Neste contexto, foi concluída a Convenção sobre a Proteção e a Promoção da Diversidade de Conteúdos Culturais e Expressões Artísticas que define em seu artigo 4º, parágrafo II, que Diversidade Cultural é a “multiplicidade de meios pelos quais se expressam a cultura dos grupos sociais e sociedades...” Acrescenta que “a diversidade cultural não só se manifesta pelas diversas formas que se protege, enriquece e transmite o patrimônio cultural da humanidade”, determinando que “a variedade de expressões culturais de que são portadores os bens e serviços de todas as partes do mundo, através dos distintos meios de produção, difusão, distribuição e consumo” também fazem parte da diversidade (SERFERT, 2011, P.3)

¹ Neste projeto, utilizam-se as aspas para os termos ligados ao tema da pesquisa que, por estarem sendo objeto de discussão, têm o seu sentido imediato suspenso. A escolha das aspas facilita o desenvolvimento de certas ideias sem que se caia em definições rápidas das categorias que são bastante utilizadas no contexto social estudado (nesse caso, a universidade).

A diversidade é a multiplicidade de meios pelos quais a cultura pode ser expressa pelos grupos sociais e pelas sociedades. Nessa perspectiva, pode-se dizer que, de fato, a Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, doravante denominada Unilab, é um espaço de forte interação e encontro entre as culturas por agrupar estudantes de diferentes países lusófonos nomeadamente Angola, Brasil, Cabo-Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, São-Tome e Timor-Leste. A partir disso, podemos afirmar que nela está constituída ou formada uma sociedade constituída pela diversidade. Porém, é importante frisar que independentemente das nacionalidades que estão representadas culturalmente na Unilab, também se encontram pessoas de mesmo país, mas de regiões diferentes o que reforça ainda mais a ideia da diversidade.

Na Guiné-Bissau, a questão da diversidade é fundamental para todos, sendo inclusive uma das marcas do ensino médio do país. Na minha experiência, pude verificar que a questão da diversidade é trabalhada na escola a partir da ideia de “multiculturalismo”. Estudei na Escola Adventista Betel entre 2008 a 2014, tendo acessado a partir daí a proposta de uma “educação para todos” e a da “integração” de todos os alunos independentemente da sua religião, raça ou cor da pele, classe social. Ou seja, naquela escola procurava-se aceitar as diferenças culturais e religiosas para assim poder construir uma sociedade que respeitasse a diferença através de um diálogo “multicultural” e “intercultural” em uma “perspectiva endógena” da realidade africana e, particularmente, guineense. A escola entendia estas diferenças sempre no mesmo nível e considerava que ninguém era superior a ninguém dentro do recinto escolar. Ou seja, estávamos no âmbito de uma ideia de “igualdade racial, cultural e social”.

Este projeto trata destas questões, partindo da minha experiência vivida em duas localidades distintas: na Escola Adventista Betel durante 6 anos e agora na Unilab desde 2016. Essa experiência me permite avançar em um projeto de investigação que busque aprofundar o conhecimento sobre a diversidade cultural, e os termos usualmente utilizados para definir contextos sociais considerados e constituídos pela diferença, como o “multiculturalismo”, “interculturalidade” e o “interdisciplinar”.

CONTEXTUALIZAÇÃO DA GUINÉ-BISSAU A PARTIR DA ESCOLA BETEL E DO BRASIL A PARTIR DA UNILAB

A nossa inquietação sobre a diversidade cultural na Unilab nos remeteu a pensar em Betel, que merece neste projeto uma seção própria.

Betel é um nome dado a uma escola privada criada pelos missionários/as brasileiros/as da Igreja Adventista do Sétimo Dia na Guiné-Bissau². A Guiné é um país situado na costa ocidental da África, tendo sido um país invadido (colonizado) pela República de Portugal e independente em 1973 através de guerra armada. Segundo Artemisa Odila Candé Monteiro (2011) na sua tese de doutorado defendida na área de Ciências Sociais pela Universidade Federal de Bahia (UFBA), a Guiné-Bissau pode ser definida como:

[...] um mosaico étnico e cultural devido a sua rica composição étnica, a Guiné-Bissau é um país situado na costa ocidental do continente africano, limitado entre as duas Repúblicas: ao norte pelo Senegal e ao sul pela Guiné-Konakry, com superfície total de 36.125km². O país é integrado ainda por cerca de quarenta ilhas que constituem arquipélago dos Bijagós, separado do continente pelos canais de Geba, Bolama e Canhabaque. Além dos territórios continentais, que compreende oito regiões: Bolama, Báfata, Gabú, Cacheu, Biombo, Oio, Quinará e Tomba-li, mais setor autônomo de Bissau que é a capital. O clima é quente e úmido caracterizado como subguineano. Trata-se de um clima favorável para a prática de agricultura e a pesca que se constituem nas principais fontes de subsistência para a população (MONTEIRO, 2011, p. 224).

A escola Betel chegou à Guiné-Bissau em 1992. Assim com a escola Betel, outras instituições de ensino privadas foram criadas nos últimos anos como consequência das constantes paralisações no sistema de educação pública da Guiné-Bissau, o que consequentemente provoca fracasso escolar. Segundo Sonia Mari Shima Barroco (2015), o fracasso escolar na Guiné-Bissau tem uma longa história, desde o período da dominação colonial por Portugal, e até hoje o país não conseguiu se estabilizar. A instabilidade política e a falta de salário por parte do governo para com os professores ou funcionários públicos estão entre os fatores que condicionam esse processo. Segundo Celisa Carvalho (2014, p.4) o Estado guineense praticamente não existe nas áreas mais básicas, por exemplo, na educação, na saúde ou na justiça. A instabilidade política e militar tornou-se realidade, com efeito, houve assassinatos e desrespeito pelas leis da República. Dessa forma, o Estado tornou frágil e vulnerável a situações de conflitos. Em outras palavras, a Guiné-Bissau não consegue nem pagar salário para os funcionários públicos, apesar de nos três últimos anos terem sido percebidas algumas melhorias.

Nessa perspectiva, a escola Betel surgiu através da iniciativa dos missionários brasileiros/as da igreja adventista do sétimo dia com o objetivo de dar educação de

² A Igreja Adventista do Sétimo Dia é uma denominação protestante que está ligada ao movimento milerista norte americano. No Brasil, a Igreja possui 1,6 milhões de membros.

qualidade aos filhos dos seus fiéis, e mais tarde, devido à procura, se estendeu ao público em geral. Percebe-se que a intenção era a de educar e ao mesmo tempo evangelizar. No meu caso, fui estudar nessa escola devido os fatores acima expostos, de não haver alternativas de educação que garantissem um bom rendimento escolar. É importante realçar que, durante os seis anos que estudei naquela escola, pude perceber a ideia da “interculturalidade” sempre presente nos discursos dos envolvidos no processo educativo em Betel (refiro-me aos professores, gestores e aos próprios alunos como parte fundamental desse processo). A ideia da “interculturalidade” nos remetia à diversidade, ou seja, a aceitar a coexistência de um conjunto de manifestações culturais no mesmo espaço. No artigo intitulado “A educação intercultural e os desafios para a escola e para o professor”, os autores Vanilda Alves da Silva e Flavinês Rebolo (2017) explicam que a escola tem a função relevante de conhecer, reconhecer e dar valor a todos os sujeitos socioculturais no sentido de poderem reconhecer a diferença cultural entre eles como expressão positiva.

Qualquer cidadão, independentemente do seu grupo étnico, religioso ou cultural, podia ingressar na escola Betel da Guiné Bissau. E nesse local existia a convivência das mais variadas formas culturais, interculturais e multicultural entre os alunos e técnicos administrativos, como afirmavam. Segundo José Pedro Teixeira Fernandes (2010), a palavra “multicultural” surgiu exatamente para designar conjunto de políticas públicas com o objetivo preservar, de valorizar e promover a diversidade cultural. Ainda o escritor continua a explicar o conceito. Para ele:

Multiculturalismo é quando os processos de integração são vistos nos dois sentidos e funcionam de maneira diferente para diferentes grupos. Neste entendimento, cada grupo é distinto e a integração não pode consistir num único padrão (daí o “o multi”). O “culturalismo” refere-se ao entendimento de que os grupos em questão não devem ser considerados apenas pela sua novidade, pelo seu fenótipo (aspecto visível) ou locação sócio-económica, mas por certas formas de identidade de grupo. (FERNANDES, 2010, p. 78)

Pensar essa diversidade cultural a partir da escola Betel em Bissau nos remete a pensar o atual contexto da Unilab e das questões que levantamos nesta nossa proposta de pesquisa.

Nesse sentido, a Unilab representa um valor que extrapola os limites continentais, ou seja, aquilo que Stuart Hall (1999) chama de quebra fronteira das culturas a partir da ideia da globalização. Pensar o projeto Unilab é pensar a “interculturalidade” a partir de uma ideia diversificada e conseqüentemente incorporar também a “interdisciplinaridade”.

Os conceitos de “interculturalidade” e “interdisciplinaridade” têm trazido debates científicos nestes últimos anos no meio acadêmico, principalmente aos cientistas sociais. Portanto, de acordo com as discussões que a Luciana Machado de Vasconcelos (2005) trouxe, no seu tema sobre a “interculturalidade”, definiu-a de seguinte maneira:

[...]o conceito de interculturalidade, usado para indicar um conjunto de propostas de convivência democrática entre diferentes culturas, buscando a integração entre elas sem anular sua diversidade, ao contrário, “fomentando o potencial criativo e vital resultante das relações entre diferentes agentes e seus respectivos contextos” (Fleuri, 2005). O termo tem origem e vem sendo utilizado com frequência nas teorias e ações pedagógicas, mas saiu do contexto educacional e ganhou maior amplitude passando a referir-se também à práticas culturais e políticas públicas (VASCONCELOS, 2005, p.1)

Entendemos que as convivências democráticas entre diferentes culturas, também podem servir para os diálogos entre as disciplinas na perspectiva “interdisciplinar”. Utilizo a ideia de Gaudêncio Frigotto (2011) para tratar do interdisciplinar como o diálogo na produção de conhecimento e esse diálogo funda-se no caráter dialético da realidade social, que segundo este autor, é uma e diversa ao mesmo tempo a partir da sua natureza intersubjetiva de compreensão. Percebemos, assim, que o que se considera como sendo um diálogo intercultural e interdisciplinar constituem passos importantes na desconstrução de preconceitos, estereótipos e do racismo nos espaços culturais e sócio acadêmicos, o que incluir, portanto, o epistemológico.

Daí, entendemos que essa particularidade de ter quatro continentes em um só sítio, como é o caso da Unilab merece a nossa análise, sendo eu acadêmica curiosa que procura desenvolver um projeto de pesquisa voltado a esse campo. Pensa-se que o projeto da Unilab surgiu no contexto da CPLP (Comunidade de Países da Língua Portuguesa), em uma de suas reuniões. A instituição nasceu baseada nos princípios da relação de cooperação solidária entre os países africanos que fazem parte da CPLP, incluindo o Timor Leste que está situado na Ásia. Essa cooperação solidária, conhecida como SUL-SUL, é entendida como aquela que visa contribuir para produção de conhecimento, no âmbito de uma “interculturalidade” com países parceiros, demonstrando o respeito às distintas culturas que compartilham o mesmo espaço da convivência social. Essa cooperação tem como objetivo promover a interação e ampliar as relações de parcerias entre os Estados, como vemos nas Diretrizes Gerais:

A UNILAB está inserida, portanto, no contexto de internacionalização da educação superior, atendendo à política do governo brasileiro de incentivar a criação de instituições federais capazes de promover a cooperação Sul-Sul com responsabilidade científica, cultural, social e

ambiental. Atuando na perspectiva da cooperação solidária, ela valorizará e apoiará o potencial de colaboração e aprendizagem entre países, como parte do crescente esforço brasileiro em assumir compromissos com a integração internacional no campo da educação superior. (DIRETRIZES GERAIS, 2010, p. 5-6)

A partir do exposto nesta cronologia de experiências, iremos aprofundar nossa pesquisa sobre a diversidade cultural e assim, entender essa visão “multicultural” e “intercultural” em termos conceituais e também empíricos, por entendermos que essas são palavras chave utilizadas no contexto da UNILAB para definir, descrever, compreender, e até mesmo analisar a(s) diferença(s) encontrada(s) nesse espaço de ensino.

PROBLEMATIZAÇÃO

Diante dos antecedentes de pesquisa e dos conceitos mobilizados até aqui, pensamos em problematizar esta realidade a partir de algumas questões de forma a tentar perceber melhor essa diversidade localizada no espaço de ensino superior brasileiro, tal qual encontramos na Unilab. Assim, questiona-se até que ponto se pode falar da coexistência da diversidade cultural na instituição? Quais são as propostas discursivas e conceituais sobre a “diversidade” utilizadas no espaço de ensino (“multiculturalismo”, “interculturalidade”, “interdisciplinaridade”)? Existem outras possibilidades discursivas? Se a diversidade, como nos explica Nunes (2013), é um dos aspectos que caracterizam o nosso “tecido educativo”, será que esse tecido pode ser entendido como homogêneo? Se for, em que contexto podemos sublinhar a diversidade cultural diante da complexa visão cultural de países diferentes e em especial dos quatro continentes inseridos num mesmo espaço de produção epistêmica? Também nos perguntamos se existem diferenças entre práticas e discursos sobre a diversidade?

Com base nessa problematização e no tema que norteou essa pesquisa, o nosso projeto de pesquisa tem como objeto perceber “a diversidade” nesse espaço acadêmico em questão e tomando como objetivo geral e específico o seguinte:

GERAL

- Buscar compreender como a diversidade cultural acontece e é descrita no seio dos unilabianos, a partir de uma interação entre os alunos, técnicos administrativos e professores.

ESPECÍFICO

- Buscar entender como é vivida a diferença no cotidiano dos unilabianos e que ferramentas discursivas (conceitos, imagens etc) são colocadas em uso.
- Procurar perceber particularidades nas ações e discursos dos alunos, professores e técnicos administrativos na Unilab, em especial a utilização de certos conceitos como “interculturalidade”, “multiculturalismo” etc.
- Buscar entender como acontece o choque cultural, ou seja, a adaptação às ações e discursos diferentes dos da sociedade de origem de um estrangeiro.

JUSTIFICATIVA

O presente trabalho visa analisar e apresentar uma visão de como os unilabianos vivem e definem a diversidade cultural, incluindo o modo como eles se deparam com a questão de choque cultural. Digo “choque cultural” porque somos de países diferentes e cada país tem a sua cultura. Chegando aqui à Unilab, que é uma universidade de integração internacional, esse choque cultural aumenta. Segundo Renata Sternberg, esse choque tem a ver com processo de adaptação de um estrangeiro fora do seu país ou da sua cidade de origem, na qual irá passar por várias etapas antes de se integrar à nova cultura. (Sternberg, 2016). Posso trazer um exemplo de quando da minha chegada na Unilab. Nos primeiros momentos tive vários choques tendo em conta a diversidade da cultura não só entre os brasileiros, mas também entre os próprios africanos de outros países. Diante disso, a minha motivação surgiu primeiramente diante das indagações feitas por mim nos corredores da Unilab.

Antes de mais quero trazer aqui um dos exemplos motivadores do meu tema, que escrevi em meu caderno de campo:

Um dia estávamos sentados no pátio de liberdade para fazer um trabalho em grupo, éramos quatro africanas e duas brasileiras. De repente, uma das meninas perguntou para a menina africana se ela era brasileira e a menina respondeu não, eu sou Cabo-verdiana e ela exclamou, ‘nossa, você é a africana mais linda que eu já vi!’ E a menina disse para ela só porque tenho a cor da pele mais clara e o cabelo longo e liso? E a Letícia que está aqui, ela não é linda? Aí ela começou logo a mudar a conversa dizendo que cada um é lindo do jeito dele. E eu fiquei só a observar e ouvir as duas (Caderno de campo, 2018)

Com esta experiência, veio logo a mim a ideia de como os nossos traços corporais são assimilados ou interpretados por outrem a partir de um olhar eurocêntrico. E por conseguinte, o choque cultural pode ser visto a partir de uma análise horizontal para determinar as nossas cores de olhos, de cabelo, de pele, nossas formas de vestir, de comer,

de andar, de falar e de atuar diante de outro. São conjuntos de fatores e situações que são vividos diante da diversidade e que podemos também definir como sendo o de uma “intolerância cultural”. Aliás, às vezes o outro chega a pensar que só posso ser social quando me identifico como ele. Isso me remete àquilo que Danilo Di Manno de Almeida (2011) chama de “invenção do outro”. Segundo este autor, a invenção do outro pelos ocidentais veio principalmente pela ideia de Hegel que excluiu todos os “não europeus” da cultura social, ou seja, negou ao outro a sua cultura (tradição), seus saberes (epistemologias), sua vivência em detrimento do europeu como sendo figura do humano, do universal, da beleza. Nessa perspectiva, o autor faz seguintes afirmações:

Esta não é a via que transportará um ao outro, pensamento latino-americano e não-filosofia, senão a via do ‘escutar’ e do ‘falar’, sem que por isto se constitua um ‘diálogo’ ou um ‘ intercâmbio’. O respeito ao outro vem do escutá-lo em sua identidade, sem as armadilhas de um pensamento que quer colocar-se no “lugar” do outro. Aqui a identidade de cada um é a condição mínima para que este ‘falar juntos’ não degenera em um diálogo de aparência democrática. É através disso que poderemos descobrir, sem prejuízo, nem submissão, o valor de cada pensamento estrangeiro (ALMEIDA, 2011, p. 113).

Assim, no nosso entender, é preciso aprender a desaprender certos conceitos que abalaram nossos cérebros e permitiram que passássemos a reproduzir conceitos estereotipados a partir de um olhar que nós consideramos eurocêntrico. De justa forma, eu como acadêmica, entendo ser importante trazer essa reflexão crítica sobre a Unilab através desse olhar da diversidade não hegemônica e não eurocêntrica, ou seja, um olhar endógeno, crítico a partir da desconstrução e ressignificação de alguns conceitos, a partir da ideia da diversidade cultural na Unilab. Porque só através desse tipo de debate é que iremos filosofar os saberes diversificados, ou seja, promover um espaço que reconhece todas as outras formas de saber. Segundo o professor Renato Nogueira (2015) no seu tema “Afroperspectividade: por uma filosofia que descoloniza” só através de filosofar que iremos ajuda a pensar o cenário político social, quer dizer, estudar a filosofia que seja marginal e antidogmática, uma filosofia que pense o racismo, uma filosofia que trate da violência, uma filosofia que pense o Brasil em sua diversidade cultural, uma filosofia que enrede o nosso território cultural, uma filosofia que está porvir e que talvez possa estar na semente no pluriverso filosófico afroperspectivista, ou seja, segundo ele:

Por Filosofia afroperspectivista ou Afroperspectividade defino uma linha ou abordagem filosófica pluralista que reconhece a existência de várias perspectivas, sua base é demarcada por repertórios africanos, afrodiaspóricos, indígenas e ameríndios. O que denominamos de Filosofia afroperspectivista é uma maneira de abordar as questões que

passa por três referências: 1ª) Afrocentricidade; 2ª) Perspectivismo ameríndio; 3ª) Quilombismo (NOGUERA, 2015, p. 9)

Só através deste tipo de debate epistêmico que as sociedades consideradas inferiores pelos ocidentais – uma ideia que hoje continua a ser reproduzida por vários meios sociais – poderão romper com o velho e trazer novas reflexões, ou seja, aceitar como somos na base de um relacionamento que dialoga com demais saberes e povos. Diante do exposto, espera-se, que o presente projeto de pesquisa traga discussões frutíferas para as questões da diversidade cultural e tenha uma contribuição valiosa para a comunidade acadêmica, na medida em que sirva de material de consulta e exploração para a produção de outros trabalhos acadêmicos e análises relacionadas a esse tema.

REFERENCIAL TÉORICO

A questão da diversidade cultural, principalmente nos espaços de ensino, nos leva a refletir sobre determinados conceitos pensados a partir de uma dinâmica macro e micro, localizada nas relações do convívio estrutural entre os estudantes em um determinado espaço social. No nosso entender, a diversidade cultural acontece quando uma pessoa sai do conforto do seu lar, do seio de sua família para participar de um novo grupo social, na qual leva consigo uma grande bagagem de costumes e crenças e essas são expostas na maneira de falar, andar, vestir ou seja, a maneira de ser de cada um. Nesse sentido, o Manuel Santiago Furtado Nunes vai dizer que:

“A diversidade, como sublinhámos anteriormente, é um dos aspectos que caracteriza o nosso tecido educativo, tendo surgido da necessidade de olhar as diferenças dos grupos étnicos, linguísticos e culturais, associadas à presença de elementos de outras nacionalidades” (NUNES, 2013, P. 20).

A partir desse conceito trazido por Nunes, podemos refletir sobre a diversidade cultural na nossa universidade, pensada a partir da ideia de integração e internacionalização, ou seja, a inserção do Brasil no diálogo internacional entre as comunidades de países da língua portuguesa (CPLP), Brasil, Timor-Leste, Angola, Guiné-Bissau, Cabo-Verde, São Tomé e Príncipe, Moçambique e Portugal respectivamente.

Para entender questões como a diversidade cultural, na nossa percepção, é preciso antes de tudo conceitualizar a cultura, a identidade e a diversidade num sentido amplo. Para isso, alguns escritores como Stuart Hall e Roberto Cardoso de Oliveira (Hall,

1999; Oliveira, 2006), nas suas magníficas contribuições sobre o espaço acadêmico, tentaram se debruçar sobre as diferentes formas sociais que a identidade, a cultura e a diversidade nos proporcionam em função dos relacionamentos sociais ou estruturas sociais que estão em constante mutação. Ou seja, cultura e diversidade não são fixas.

Nessa perspectiva, Hall (1999) vai propor três tipos de sujeitos identitários, que formam parte de uma estrutura em constante mutação: o “sujeito iluminista”, o “sujeito sociológico” e o “pós-moderno”. Para Stuart Hall (1999), o “sujeito iluminista” seria um conceito que nos ajuda a identificar uma postura de arrogância fechada em si mesma, que usa a razão como meio para viver. Enquanto, por outro lado, o “sujeito sociológico” se configura como uma característica centrada na reflexão crescente da complexidade do mundo moderno e na sua relação com outros indivíduos. Assim, esse sujeito pode ser percebido e identificado na vida social como aquele que pensa a sua relação a partir do outro, por isso, ele é “social”. E o terceiro sujeito, que é “pós-moderno”, está ligado a uma identidade fluída que permite deslocamentos e interações. Essa seria uma identidade móvel, ou seja, aquela que não tem uma única identidade cultural ou social. Esta ideia proposta por Stuart Hall trás para nós uma profunda reflexão no sentido de que podemos pensar em múltiplos sujeitos pós-modernos na Unilab já que esta universidade possui uma estrutura acadêmica composta por estudantes, docentes e servidores diversificada.

Entretanto, não basta afirmar que existe só o sujeito pós-moderno na UNILAB, porque diante dessa diversidade constata-se também a existência dos outros dois sujeitos, o sujeito sociológico e em certo ponto o iluminista. Esses comportamentos que podemos associar a identidades encontradas na UNILAB não ocupam posições de igualdade. O escritor argentino Walter Mignolo na sua obra intitulada “Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política” (MIGNOLO, 2008), nos ajuda a perceber que, ao pensarmos em identidade, podemos também pensar em descolonialidade, ou seja, uma ruptura epistemológica que nos ajude a perceber a existência de barreiras culturais eurocêntricas, que valorizam determinadas identidades/grupos sociais face a outras/outros (MIGNOLO, 2008).

Segundo Nunes (2013), que dialogou com os textos de Edward Tylor e Roque Laraia, a cultura é um complexo interdependente e interatuante de saberes, de tradições, de artes, das crenças e costumes ou hábitos de um determinado grupo social. No caso da UNILAB, a diversidade cultural pode ser percebida a partir da convivência entre os diferentes elementos que constituem o espaço acadêmico começando desde os técnicos, os professores e professoras nacionais e internacionais, os estudantes de diferentes países

da cooperação ou da comunidade (CPLP) que compõem um vasto território estudantil sem, no entanto, descartar os moradores das cidades acolhedora da universidade, Redenção e Acarape respectivamente.

Nessa comunidade acadêmica encontramos a possibilidade de falar sobre diferentes percepções para a ideia de cultural, como Roque Laraia nos sugeriu:

No final do século XVIII e no princípio do seguinte, o termo germânico Kultur era utilizado para simbolizar todos os aspectos espirituais de uma comunidade, enquanto a palavra francesa Civilization referia-se principalmente às realizações materiais de um povo. Ambos os termos foram sintetizados por Edward Tylor (1832-1917) no vocábulo inglês Culture, que "tomado em seu amplo sentido etnográfico é este todo complexo que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes ou qualquer outra capacidade ou hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade". Com esta definição Tylor abrangia em uma só palavra todas as possibilidades de realização humana, além de marcar fortemente o caráter de aprendizado da cultura em oposição à idéia de aquisição inata, transmitida por mecanismos biológicos. (LARAIA, 2001, p.25).

Com isso retomamos que a cultura não é algo fixa, já que ela está em constante mudança. Para o contexto da pesquisa, vemos que todos os estudantes internacionais e nacionais que saíram dos seus países e das suas cidades de origem trouxeram para a Unilab as suas múltiplas culturas, conformando, ou seja, produzindo o que pode ser entendido como um "multiculturalismo". A Unilab através das suas políticas públicas de ação afirmativas e inclusão social e da própria demanda da sociedade tem aberto editais para indígenas e quilombolas para suas inserções no ensino superior na Unilab. Segundo Manuel Santiago Furtado Nunes (2013) a questão da diversidade é a consequência da escola de massa e simultaneamente da heterogeneidade social e cultural de público escolar. Em outras palavras, o "multiculturalismo" deve ser entendido além das fragmentações culturais. No entanto, é também preciso entendê-lo na perspectiva a favor de uma maior justiça social e pessoal de todos os envolvidos naquela perspectiva.

Herdamos a cultura dos nossos pais, aquela cultura que nunca vamos esquecer e que é passada de geração a geração. Se nos tornamos o que somos hoje é porque já tínhamos contato com outras pessoas que nos passaram uma cultura através da oralidade ou escrita. Segundo Amadou Hampâté-Bâ no seu artigo "A tradição viva", explica que:

Agora podemos compreender melhor em que contexto mágico-religioso e social se situa o respeito pela palavra nas sociedades de tradição oral, especialmente quando se trata de transmitir as palavras herdadas de ancestrais ou de pessoas idosas. O que o África tradicional

mais preza é a herança ancestral. O apego religioso ou patrimônio transmitido exprime-se em frases como: “Aprende com o meu mestre” “aprendi com o meu pai” “foi o que suguei no seio da minha mãe. (HAMPÂTÉ-BÂ, 2010, p 175)

A partir das palavras, os saberes se transmitiam entre gerações em quase todas as comunidades. E com isso, esse processo de transmissão (muitas vezes denominado por educação ou ensino), vai interferindo nas culturas e assim produzindo identidades culturais a partir das diferenças sociais vividas em comunidades. Hampaté Bá, assim, nos oferece a partir do seu conceito “tradição oral” também uma definição de diversidade cultural levando em conta a transmissão de valores, ideias, comportamentos como parte fundamental da organização da sociedade, e portanto da cultura.

Para isso, Ana Furtado (2014) no “Manual de Curso de Lidar com a Diversidade Cultural e Promover a Igualdade e Valorizar a Diferença” vai tentar explicar essas diferenças e diversidades culturais entre os povos. De acordo com ela, as diferenças culturais ou seja, as diferenças que existem entre os povos de diferentes localidades como, “a língua, vestimenta e tradições, também existem variações significativas na forma como as sociedades organizam-se na sua concepção partilhada da moralidade e na maneira como interagem no seu ambiente” (FURTADO 2014, p.8). A diversidade cultural pode ser uma fonte de inspiração na construção de projetos educacionais. A universidade por sua vez não deve recebê-lo como algo ruim, mas aceitar as diferenças e valoriza-las acima de tudo, fazendo do espaço universitário um espaço de saber, de aprendizado e acima de tudo de respeito e valorização dos que nele estão presentes.

Para Roque Laraia:

A nossa herança cultural, desenvolvida através de inúmeras gerações, sempre nos condicionou a reagir depreciativamente em relação ao comportamento daqueles que agem fora dos padrões aceitos pela maioria da comunidade. Por isto, discriminamos o comportamento desviante. Até recentemente, por exemplo, o homossexual corria o risco de agressões físicas quando era identificado numa via pública e ainda é objeto de termos depreciativos, podemos entender o fato de que indivíduos de culturas diferentes podem ser facilmente identificados por uma série de características, tais como o modo de agir, vestir, caminhar, comer, sem mencionar a evidência das diferenças lingüísticas, o fato de mais imediata observação empírica (LARAIAp,67-68).

Falar da diversidade cultural também nos induz a falar das relações de género entre os académicos. Pensar o género nos demanda vários questionamentos, isso porque a ideia construída a partir da raça, género ou sexualidade e condições sociais são

associadas a conceitos eurocêntricos difundido pelos ocidentais como meio de exploração social. Segundo Aníbal Quijano no seu artigo intitulado “Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina” (QUIJANO, 2005) explica que essas categorizações foram associadas pelos europeus à ideia de superioridade e inferioridade racial, sexual e social entre os povos e, conseqüentemente à exploração das ditas “raças inferiores”, principalmente os negros e índios na América Latina. De acordo com ele:

Na América, a ideia de raça foi uma maneira de outorgar legitimidade às relações de dominação impostas pela conquista. A posterior constituição da Europa como nova identidade depois da América e a expansão do colonialismo europeu ao resto do mundo conduziram à elaboração da perspectiva eurocêntrica do conhecimento e com ela à elaboração teórica da ideia de raça como naturalização dessas relações coloniais de dominação entre europeus e não-europeus. Historicamente, isso significou uma nova maneira de legitimar as já antigas ideias e práticas de relações de superioridade/inferioridade entre dominantes e dominados. Desde então demonstrou ser o mais eficaz e durável instrumento de dominação social universal, pois dele passou a depender outro igualmente universal, no entanto mais antigo, o intersexual ou de gênero: os povos conquistados e dominados foram postos numa situação natural de inferioridade, e conseqüentemente também seus traços fenotípicos, bem como suas descobertas mentais e culturais⁶. Desse modo, raça converteu-se no primeiro critério fundamental para a distribuição da população mundial nos níveis, lugares e papéis na estrutura de poder da nova sociedade. Em outras palavras, no modo básico de classificação social universal da população mundial (QUIJANO, 2005, p. 107-108)

E essas reproduções raciais (estereótipos), às vezes, são vistos nos relacionamentos sociais entre indivíduos em espaços partilhados. Nesse sentido deve ser combatido ou descolonizado. O que podemos aprender com essa diversidade cultural a partir da Unilab no *lato sensu*? O escritor José Márcio Barros vai tentar dar uma resposta antropológica sobre a importância da diversidade cultural, afirmando que:

Chegamos a questão da diversidade. Do ponto de vista antropológico, a diversidade cultural constitui o grande patrimônio da humanidade. Recuperada nas escolas pós-evolucionistas como realidade positiva, a diversidade cultural revelaria o que de mais semelhante existe entre os homens, isto é, o fato de que a partir de uma unidade biológica tão perfeita produziu-se tanta diferença (BARROS, 2007, p. 8)

Desse modo, percebe-se que a diversidade é um patrimônio da humanidade no sentido que nela vão ser trilhadas várias relações e manifestações culturais dos mais variados povos do planeta. Em certo ponto, podemos afirmar que a Unilab constitui um patrimônio mundial, visto que nela se encontram pessoas de todos os continentes

partilhando o mesmo espaço acadêmico. Falando isso, estou a me referir, por exemplo, ao país Timor-Leste pertencente a continente asiático, Angola pertencente ao continente africano, Portugal pertencente a Europa, Brasil pertencente a continente americano. E o Brasil com as suas diversidades culturais e complementar com esses países, fortifica-se mais ainda nas suas relações a preservação das diversidades étnicas, culturais, gênero (sexualidade) e classe social. Mas cabe ressaltar também que nesses espaços de diversidade há o enfrentamento de obstáculos vindos de várias situações, como por exemplo o preconceito. Segundo Telma Rosânia Baptista dos Santos e Maurício de Aquino (2014) para superar essa discriminação na sala de aula ou nos espaços acadêmicos é preciso desenvolver diferentes práticas pedagógicas que possam contribuir em certo modo na superação de preconceito e assim valorizar todos os saberes que chegam à sala de aula desta forma enriquecendo o processo de ensino e aprendizagem. Porque se a escola é um lugar de produção de conhecimento e de saberes teóricos e práticos, ela também deve servir de espaço para que todas as culturas se diversifiquem e se entrelacem para assim constituir um ambiente acadêmico plural e igual.

No pensamento africano como explica Amadou Hampâté Bâ (2010) a escola é um lugar de troca de saberes entre os mais velhos e os mais novos através de oralidade. A oralidade constitui o sagrado nessa sociedade e com ela se preserva todas as formas de conhecimento, desde matemática, física, pedagogia, antropologia, medicina. Segundo Elísio Macamo (2012), essa é uma forma de “interdisciplinaridade”, que pode ser entendida através da ideia de “interculturalidade”. Nesse sentido noutro texto do mesmo escritor Moçambicano intitulado “A constituição duma sociologia das sociedades africanas” ele mostra as diferentes formas dos saberes africanos, que o europeu ignorou em função de seu desconhecimento. (MACAMO, 2012). Parece-nos que a diversidade cultural é uma necessidade de todas as sociedades, porque através dela iremos fortalecer nossas relações e ao mesmo tempo torna-las plurais na medida em que a sociedade evolui (melhora) com a existência da diversidade. O ser humano sempre sentiu essa necessidade de conhecer, de experimentar e de sociabilizar com outros seres e a partir desse intercâmbio construir as relações sociais.

No campo das ciências sociais, essa necessidade é sentida a partir do momento em que não temos o diálogo “multicultural” e “intercultural”, ou seja quando existe a intolerância para com a diversidade. As Ciências Sociais trabalham para estabelecer esse diálogo. Por exemplo, conforme explica o escritor Gaudêncio Frigotto, “trata-se de aprender a interdisciplinaridade como uma necessidade (algo que

historicamente se impõe como imperativo) e como problema (algo que se impõe como desafio a ser decifrado) (FRIGOTTO, 2011, p.34). Nesse sentido, a interdisciplinaridade se apresenta como diálogo entre os diferentes saberes e como um meio para completar as lacunas epistemológicas. Ou seja, estamos diante de uma possibilidade de interlocução entre os membros que compõem a diversidade cultural.

A nossa preocupação em relação à diversidade cultural também gera indagação a partir daquilo que chamamos de “choque cultural”, um fenômeno que está relacionado à imigração. Entendemos por choque cultural todas as manifestações culturais que ocorrem com o indivíduo que esteja em movimento ou fora do seu país de origem ou fora da sua cidade em contato com outra realidade cultural diferente do habitual, daí aparecem interrogações e choque por esse sujeito na medida que não consegue adaptar ao momento. Segundo Luzia Costa Becker e Renta Sternberg:

O choque cultural é uma teoria criada por Kalervo Oberg em 1960 para descrever o processo de adaptação que ocorre na vida de todo migrante. Para fins explicativos, o processo pode ser dividido em quatro fases: A primeira fase é a lua de mel, na qual a pessoa vê as diferenças entre a antiga e a nova cultura sob uma visão romântica e fica encantada com o país estrangeiro. A segunda fase é a crise, na qual as diferenças culturais evidenciam-se e a pessoa se sente desorientada por não ter ainda o referencial cultural local que lhe permite lidar melhor com situações cotidianas. Cada indivíduo lida de forma diferente com as dificuldades e desafios que emergem nesta fase. Enquanto algumas pessoas podem se adaptar facilmente a uma nova cultura, outras sofrem consideravelmente e podem, inclusive, desenvolver sintomas psicossomáticos ou até transtornos psíquicos. A terceira fase é a adaptação, na qual a pessoa aprende significados da nova cultura e desenvolve estratégias que lhe permitem lidar melhor com as situações cotidianas. A quarta fase é a integração, na qual a pessoa após absorver alguns dos significados da nova cultura, compreende melhor está e sente-se mais confortável no país estrangeiro (BECKER e STERNBERG, 2016, p. 1)

Iremos nos debruçar sobre estas quatro fases que Lucia Costa Becker e Renata Sternberg nos propõem, apresentando-as em detalhe. Sim, a primeira fase que ela chama de “lua de mel” para nós também constitui momento de benignidade. Porque esse é o momento de primeiro contato com outra cultura fora do seu lar, da sua cultura, do seu meio ambiente. E é o momento de toda euforia na vida do emigrante – neste caso, nós como estudantes internacionais vindos para Brasil com intuito de estudar. De igual modo, Becker e Sternberg vão trazer como segunda fase a crise, na qual as diferenças culturais evidenciam-se e a pessoa se sente desorientada e chocada diante de tamanha diversidade.

Não só desorientada, mas também confusa com tudo ao seu redor e até diferente da expectativa utópica criada por ela mesma na sua imaginação cognitiva antes da sua deslocação. A nossa primeira impressão sobre o Brasil é que tudo ia ser maravilhoso e perfeito sem, no entanto, tomar em consideração os limites culturais além do Atlântico. A outra fase que nos interessou na obra delas é a adaptação. Para nós a adaptação é dar significado e ressignificado a partir da nova realidade cultural e com isso permitir associar a essa experiência os valores culturais diferentes do que antes se possuía e assim poder permanecer no espaço e no tempo na nova cidade. Quanto a isso, percebemos que na Unilab apesar de integração com a comunidade acadêmica, ainda continuam persistindo barreiras culturais que impedem a integração. E isso não só da parte dos estudantes internacionais vindos dos países da cooperação, mas também dos próprios autóctones. A fase que ela chama de integração, para nós constitui a fase mais importante na vida de um imigrante, quer seja no caso de imigrar por trabalho ou por estudo. Porque ele vai ter que tomar decisão sobre a sua permanência ou não nesse país. Passando por todos esses processos ou fases o indivíduo assumirá uma postura de intrepidez quanto a ele mesmo.

No nosso caso, em princípio, escolhemos estudar esse problemática da diversidade cultural a partir da nossa universidade, não obstante os choques, a intolerância³, preconceito, exploração⁴ por parte dos cidadãos da cidade acolhedora da Unilab no Maciço de Baturité, Ceará. Ao longo dos meus dois anos aqui pude perceber que houve um esforço significativo da parte da Reitoria assim como da parte dos estudantes e corpo docente em articular ações diante de “tamanho diversidade”. Faço referência a essa articulação começando desde a produção epistemológica até aos mais variados relacionamentos. Com isso quero dizer que lidar com a diversidade não é nada fácil, principalmente quando o outro é tido ou visto por certas pessoas como inferior em termos da classificação racial (uma construção ocidental), uma postura que só traz conflitos.

Diante destas questões de convivência, temos então duas linhas de trabalho conceituais possíveis: a multiculturalidade e a interculturalidade. Entretanto, considero

³ Termo usado para referir conjunto de acontecimentos na Universidade atribuídos aos estudantes internacionais sem fundamentos legais. Soma-se a isso os constantes assaltos aos estudantes nas suas residências em caminho da universidade, levando assim todas as suas pertencas, o que também são acontecimentos que não favorecem a integração.

⁴ O termo exploração usado nesse trabalho tem a ver com a desordeira forma como os moradores têm comportado quanto a aluguel dos seus imóveis para com os estudantes internacionais. Quanto mais aumentam os números dos estudantes assim aumentam o preço da casa. Além dos preços dos produtos da primeira necessidade que em segundo aumenta de preço.

que o termo “interculturalidade” possa ser mais propício ao que aqui buscamos tratar, já que importa fazer referência a uma integração de múltiplas culturas em um único espaço. Contribui para essa ideia a proposta de Walter Mignolo sobre afirmar o intercultural em detrimento do multicultural, pelas razões que se seguem:

A “interculturalidade” deve ser entendida no contexto do pensamento e dos projetos descoloniais. Ao contrário do “multiculturalismo”, que foi uma invenção do Estado-nacional nos EUA para tratar da cultura enquanto mantém inalterada a epistemologia. Vemos também que nos Andes, a interculturalidade é um conceito introduzido por intelectuais indígenas para reivindicar direitos epistêmicos. A intercultural, na verdade, significa inter-epistemologia, um diálogo intenso que é o diálogo do futuro entre cosmologia não ocidental (Mignolo, 2008, p.316)

Nessa perspectiva, é importante unirmos a volta de uma mesma causa que se transformou em um problema para todos que foi deixado pelo colonizador. Entendemos que, ainda que seja difícil, é possível fazer e viver a diversidade e interculturalidade desde que as partes tenham consciência dos relacionamentos sociais a partir das estruturas macro e micro de cada um dos membros de aquela sociedade. Segundo Alice Casimiro Lopes (2006) “Assim, penso que compreender como as pesquisas macro e micro têm-se desenvolvido no campo educacional contribui para o posicionamento diante desse atual debate nas ciências sociais” (LOPES, 2006, p.621) e essa contribuição está ligada à construção de cada identidade cultural nesse espaço de produção e desconstrução de conhecimentos, ou seja, precisamos aprender a desaprender como nos alerta o grande escritor Walter Mignolo (2008). Só com essas quebras de paradigmas e rupturas que iremos conseguir ultrapassar aquilo que pensamos ser um calcanhar de Aquiles para nossa universidade, porque a diversidade não é sinônimo de conflitos, mas sim pode ser entendida como conjunto de culturas diferentes capazes de uma inter-relação social e de fazer uma sociedade tolerante e justa por meio da interculturalidade social e epistêmica e na perspectiva antropológica da realidade social.

METODOLOGIA

Como se trata de um trabalho científico, partimos da construção de um método para a pesquisa que oriente a elaboração e desenvolvimento dos seus objetivos, ou seja, que permita ter clareza dos limites e percursos para alcançar as respostas às indagações. Nessa ótica, procuraremos traçar o desenvolvimento deste trabalho de pesquisa a partir de pesquisa etnográfica, através de fontes bibliográficas e documental, pois na

perspectiva de Denise Tolfo Silveira e Fernanda Peixoto Córdova (2009) “a pesquisa etnográfica pode ser entendida como estudo de um grupo ou povo” (SILVEIRA e CÓRDOVA, 2009, p. 41). Nesse sentido nossa pesquisa é com o grupo acadêmico de Unilab. E na perspectiva de Antônio Carlos Gil (2002)

A pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. Embora em quase todos os estudos seja exigido algum tipo de trabalho dessa natureza, há pesquisas desenvolvidas exclusivamente a partir de fontes bibliográficas. Boa parte dos estudos exploratórios pode ser definida como pesquisas bibliográficas. As pesquisas sobre ideologias, bem como aquelas que se propõem à análise das diversas posições acerca de um problema, também costumam ser desenvolvidas quase exclusivamente mediante fontes bibliográficas. (GIL, 2002, p. 44)

Ainda Gil (2002) vai dizer que, a pesquisa documental assemelha-se muito à pesquisa bibliográfica, apesar de algumas diferenças quanto as suas origens ou de produção. Desse modo, Sá-Silva (et al, 2009) vai argumentar que as fontes documentais se apresentam com materiais que ainda não sofreram quaisquer análises analítico e que podem ser reelaborados de acordo com os desejos a partir dos nossos objetos e objetivos da pesquisa. Se encontra esses tipos de fontes documentais mais nas instituições privadas e públicas exemplo de regulamentos, gravações, ofícios, folhetos, memorando e entre outras. Também, nessa mesma perspectiva, podem ainda servir como fontes documentais complementares os filmes, CD-ROM, dvd, gravações sonoras que independentemente de receberem ou não qualquer tipo de análise científico. Portanto, a diferença que se pode notar entre ambas está na natureza das fontes/Enquanto a pesquisa bibliográfica se utiliza fundamentalmente das contribuições dos diversos autores sobre determinado assunto, a pesquisa documental vale-se de materiais que não recebem ainda um tratamento analítico, ou que ainda podem ser reelaborados de acordo com os objetos da pesquisa” (GIL, 2002).

Nessa ótica de ideia, iremos utilizar fontes bibliográficas e documentais além dos levantamentos bibliográficos das fontes que fizemos no que se tange conjunto de registros sobre a diversidade cultural e assim também sobre discursos sobre a diferença, em especial aqueles que envolvam integrantes das comunidades discentes e nacionais Guiné-Bissau e Brasil na Unilab como forma para podermos aprofundar nossas pesquisas e assim também envolver a camada estudantil através da entrevista sobre nosso tema em análise. Importa realçar que, com essas fontes documentais, fontes bibliográficas e entrevistas, iremos chegar a resposta da problemática acima exposta.

LEVANTAMENTOS BIBLIOGRÁFICO E OUTRAS FONTES

- ALMEIDA, João Ferreira De. **Integração Social e Exclusão social: algumas questões.** *Análise Social*, Lisboa, Vol. XXVIII (123-124), (4.º-5.º), p. 829-834, 1993
- AMSELLE, Jean-Loup. Etnias e espaços: para uma antropologia topológica. In: AMSELLE, Jean-Loup e M'BOKOLO, Elikia (orgs.) **No Centro da Etnia. Etnias, tribalismo e Estado na África.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2017. Pp. 29-74 (Coleção África e os Africanos).
- BANDEIRA, Lurdes, BATISTA Anália Soria. “Preconceito e discriminação como expressões de violência”. **Revista Estudos Feministas**, Brasília, 2002
- BEIRED, José Luis Bendicho e SAMPAIO, Carlos Alberto. **Política e Identidade Cultural na América Latina.** São Paulo 2010.
- BONATTO, Andréia, Et al. **Interdisciplinaridade no ambiente escolar.** IX ANPED SUL Seminário de Pesquisa em Educação da Região sul, 2012.
- CAMPOS, Luís e CANAVEZES Sara. **Introdução á Globalização.** Instituto Bento Jesus Caraça Departamento de Formação da CGTP-IN abril, 2007.
- COSTA, Ana Alice Alcantara e SARDENBERG, Cecília Maria B. **O Feminismo no Brasil: Reflexões Teóricas e Perspectivas.** Salvador: UFBA / Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher, 2008.
- COUTO, Hildo Honório Do e EMBALÓ, Filomena. **Literatura, Língua e Cultura na Guiné- Bissau: Um País Da CPLP.** Revista Brasileira de Estudos Crioulos e Similares, Número 20, 2010.
- COUTO, Mia. **E se Obama fosse africano? E outras interinvenções Ensaio.** Companhia das Letras, São Paulo, 2011
- DANTAS, Silvia Duarte. **Diálogos Interculturais: Reflexões Interdisciplinares e Intervenções Psicossociais.** Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo, 2012. ISBN: 978-85-63007-03-2.
- EDUCAÇÃO, Da Ministério. **História e Cultura Africana e Afro-Brasileira na Educação Infantil.** Brasília 2014.
- FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas.** Bahia: Editora Edufba, 2008.
- FERRAZ, Fernando Marques Camargo. **O fazer saber das danças Afro: investigando matrizes negras em movimento.** São Paulo-SP, Campus, 2012
- FURHAM, Adrian. **Choque Cultural.** Journal of Psychology and Education 2012.
- GILROY, Paul. **O Atlântico Negro: modernidade e dupla consciência.** Rio de Janeiro/São Paulo, UCAM/Editora 34. 2001

JESUS, Andréia Tavares De, Et al. **O Preconceito e a Discriminação Racial**. Brasil, Itabaiana/SE, 2010

MACHADO, Irene. **Fronteiras e Limites: Encontro e Choque de Culturas no Processo De Crioulização Semiótica**. Intexto, Porto Alegre, UFRGS, 2016, p. 58-75

NASCIMENTO, Ana Izabela. **Migração Estudantil e a Aprendizagem de uma Segunda Língua: Estudantes Estrangeiros em Portugal e suas Representações Pessoais e Socioculturais**. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade do Porto, 2013.

RIBEIRO, Angela Maria Da Silva. **Os Desafios da Escola Pública Paranaense na Perspetiva do Professor**. Produções Didático Pedagógicas, Volume II, Paraná 2016.

RIBEIRO, Raquel e POESCHI Gabrielle. **Globalização e Suas Consequências: Representações de Estudantes e Profissionais Portugueses**. Psicologia e Saber Social, p. 51-71, 2013.

ROCHA, Roseli. **Série Assistente Social no Combate ao Preconceito Racismo**. Brasília 2016.

SANTANA, Sara Gomes. **Guiné-Bissau: que políticas culturais?** Instituto Universitário de Lisboa, Departamento de História, Setembro 2015

SANTOS, Ivone Aparecida Dos. **Educação Para a Diversidade: uma prática a ser construída na Educação Básica**. Paraná 2008.

SANTOS, Boaventura de Souza. **Uma Concepção Multicultural de Direitos Humanos**. Revista Crítica de Ciências Sociais, nº 48, Coimbra, Junho 1997

SARTI, Cynthia Andersen. **O Feminismo Brasileiro Desde os Anos 1970: Revisitando Uma Trajetória**. Florianópolis 2004.

SEMEDO, Maria Odete da Costa Soares. **As Mandjuandadi-Cantigas de Mulher na Guiné-Bissau: da tradição oral à literatura**. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010.

THOMPSON, Edward Palmer. *Folclore, Antropologia e História Social*. In: _____. **Peculiaridades dos Ingleses e outros artigos**. Campinas: Editora da Unicamp, 2001. p. 227- 267

UMABANO, Filomena Gomes Correia. **Tradição e modernidade em Abdulai Silá: “Mistida” e o diálogo político-cultural**. Lisboa, julho de 2014.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS UTILIZADAS PARA O PROJETO

ALMEIDA, Danilo Di Manno De. “Nós, os Não- Europeus, o Pensamento na América Latina e a não Não-Filosofia. Um Possível Non-Rapport?”. **Revista Páginas de Filosofia**, v. 3 n. 1-2, p. 111-134, jan/dez. 2011

BARROCO, Sonia Shima. **Fracasso Escolar na Guiné-Bissau: contribuições da educação e da psicologia brasileira**. Florianópolis-UFSC, 2015

BARROS, José Márcio. “Cultura, Mudança e Transformação: A Diversidade Cultural e os Desafios de Desenvolvimento e Inclusão”. Trabalho apresentado no III ENECULT – **Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura**, realizado entre os dias 23 a 25 de maio de 2007, na Faculdade de Comunicação/UFBa, Salvador-Bahia-Brasil.

BECKER, Luzia e STERNBERG Renata. **Choque Cultural: um processo na vida de todo migrante**. Embaixada de Brasil em Berlim, 2016

BUENO, Almerinda Martins de Oliveira e PEREIRA, Elis Karen Rodrigues Onofre. **Educação, Escola e Didática: Uma análise dos Conceitos das Alunas do Curso de Pedagogia do terceiro ano-UEL**. In: II Jornada de Didática e I seminário de Pesquisa do CEMAD, 10, 11 e 12 de setembro de 2013

CARVALHO, Celisa dos Santos Pires De. **Guiné-Bissau: A instabilidade como regra**. Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Departamento de Ciência Política, Segurança e Relações Internacionais, Lisboa, 2014.

UNILAB. **Diretrizes da Unilab**. Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, julho 2010

Estratégia de Segurança Alimentar e Nutricional ESAN-CPLPrá-2011.

FRIGOTTO, Gaudêncio. “A Interdisciplinaridade como necessidade e como problema nas ciências sociais”. In: JANTSCH, Ari Paulo. BIANCHETTI (ORGS). **Interdisciplinaridade: para além da filosofia do sujeito**. 9 ed. Petrópolis; Vozes, 2011.

FURTADO, Ana. **Manual de curso de lidar com a diversidade cultural e promover a igualdade e valorizar a diferença**, maio 2014.

GIL, António Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**, 4ª edição, São Paulo editora atlas S.A. 2002

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**, 14ª edição. Jorge Zahar: Rio de Janeiro, 2001

LOPES, Alice Casimiro. **Relações Macro/Micro na Pesquisa em Currículo**. Cadernos de Pesquisa, v. 36, n. 129, set/dez. 2006.

MACAMO, Elísio. Aquino de Bragança. “Estudos africanos e interdisciplinaridade”. In: CRUZ E SILVA, Teresa; COELHO, João Paulo Borges; SOUTO, Amélia Neves (Orgs.). **Como Fazer Ciências Sociais e Humanas em África**. Questões Epistemológicas, Metodológicas, Teóricas e Políticas. Dakar: CODESRIA, 2012.

MACAMO, Elísio. A constituição duma sociologia das sociedades africanas. **Estudos Moçambicanos**, Maputo, n. 19, p. 5-26, 2002.

MIGNOLO, Walter D. Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política. **Cadernos de Letras da UFF**, n.34, p.287-324, 2008.

MONTEIRO, Artemisa Odila Candé. **Guiné Portuguesa versus Guiné-Bissau: A luta da libertação nacional e o projeto de construção do estado guineense**. Revista A Cor das Letras, Bahia, 2011

NOGUERA, Renato. **Afroperspectividade: por uma filosofia que descoloniza**. Educação, Diversidade e Direitos humanos, 2015

NUNES, Manuel Santiago Furtado, **Diversidade Cultural no Contexto Escolar** Estudo de caso: Escola Secundária de São Miguel, Cabo-Verde 2013.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso De. **Caminhos da identidade: Ensaio sobre etnicidade e multiculturalismo**. São Paulo: Editora Unesp; Brasília: Paralelo, 2016

QUIJANO, Aníbal. *Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina*. In: LANDER, Edgardo (Org.). **A Colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas**. ColecciónSurSur, CLACSO. Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina: setembro de 2005.

SÁ-SILVA, Jackson Ronie et al. **Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas**. Revista Brasileira de História & Ciências Sociais, 2009

SANTOS, Telma Rosânia Baptista Dos e AQUINO, Maurício De. **Diversidade cultural na sala de aula**. In: PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. Superintendência de Educação. Os Desafios da Escola Pública Paranaense na Perspectiva do Professor PDE, 2014. Curitiba: SEED/PR., 2016. V.1. (Cadernos PDE). Disponível em: Acesso em DD/MM/AA. ISBN 978-85-8015-080-3

SERFERT, Tatiane Andrade. Mais Definições em Trânsito: **Diversidade Cultural**. UFBA, 2010

SILVEIRA, Denise Tolfo e CÓRDOVA, Fernanda Peixoto. In : Tatiana Engel Gerhardt e Denise t. Silveira (org.) Pesquisa Científica. **MÉTODO DE PESQUISA**. SEAD/UFRGS. Porto Alegre: editora da UFRGS, 2009

VASCONCELOS, Luciana Machado De. **Interculturalidade**. UFBA, (2005)